



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ELISÂNGELA CHAVES

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-631

Entrevistada: Elisângela Chaves

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte

Entrevistadora: Luiza Aguiar dos Anjos

Data da entrevista: 20/11/2015

Transcrição: Leila Carneiro Mattos

Copidesque: Jamile Mezzomo Klanovicz

Pesquisa: Pamela Siqueira Joras

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora e 03 minutos

Páginas Digitadas: 20 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação; Temáticas do mestrado e doutorado; Temática do lazer na sua trajetória; Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC); Educação à Distância; Formato dos cursos; Escolha dos temas para compor os módulos de formação; Perfil dos alunos que participam dos cursos; Desafios da Educação à Distância; Formação de agentes sociais; Relação com o Ministério do Esporte; Formação continuada.

Belo Horizonte, 20 de novembro de 2015. Entrevista com Elisângela Chaves a cargo da pesquisadora Luisa Aguiar dos Anjos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.A. – Elisângela, muito obrigada por me receber aqui, primeiro queria que você falasse da sua formação?

E.C. – Eu, que agradeço que bom que a gente está fazendo isso. Bom, eu me formei em Educação Física, formação superior na Universidade Federal de Viçosa. Me graduei com dupla habilitação em 1995, fui para a Educação Física por uma trajetória de formação em dança, também com o Balé Clássico o Jazz desde a infância. Após a minha graduação em Viçosa em 1995, eu fiz uma Especialização em Dança Moderna Educacional também lá em Viçosa e depois Mestrado e Doutorado em Educação aqui na UFMG¹. Terminei o doutorado em 2013, e aí depois desse processo eu me concurrei aqui na UFMG e me transferei para cá.

L.A. – E quais eram as temáticas do seu mestrado e doutorado?

E.C. – Mestrado eu trabalhei com a Escolarização da Dança aqui em Minas Gerais; trabalhei com assuntos documentais oficiais assim, legislação, programas, currículos escolares e fiz um recorte na década de 1920, 1930 que o momento que em termos de legislação eu localizei a inclusão e a exclusão da dança junto aos Programas de Ensino de Minas Gerais e no doutorado eu trabalhei com a *primeira* Escola de Dança em Minas Gerais que foi criada por uma professora que se chamava Natália Lessa e que aceitava somente meninas, então, eu trabalhei com essa perspectiva da educação feminina via Dança. O título da tese é Uma escola de graça, saúde e beleza: Natália Lessa, a dança e a educação da feminilidade, ela tem essa proposta e é um curso que foi criado em 1934 funcionou até a década de 1980, teve toda uma trajetória, era uma pessoa de Educação

¹ Universidade Federal de Minas Gerais.

Física, não era uma bailarina e aí a minha pesquisa de doutorado foi sobre essa temática relacionada à dança e a educação da feminilidade.

L.A. – E como é que você percebe a temática do lazer ao longo da sua trajetória?

E.C. – Então, foi uma grata surpresa quando eu cheguei aqui, porque eu sempre tive um namoro distante. Eu não sou uma pesquisadora do campo, pensando a dança na Educação Física eu sempre tive o lazer como alguém que dialoga comigo, mas nunca foi uma área de investimento para mim e aí quando eu cheguei aqui o Helder² me convidou para... Começou com convites assim: “Faz um parecer de projeto do Mestrado”; “Vem participar de tal coisa”. E aí tinha a proposta da EAD³, eu tenho na minha trajetória profissional uma proximidade com a extensão, eu trabalhei muitos anos lá na... Como professora da UNIMONTES⁴ e trabalhei muito tempo na Pró-Reitoria de Extensão com essas experiências de cursos e capacitações e “etc”. Ai ele me convidou para fazer parte desse grupo da EAD, mas a princípio como supervisora e aí eu fui me aproximando mais da questão do lazer. Mas não foi uma área de investimento acadêmico para mim até então, mas há uma perspectiva desde a minha vinda da minha inserção nesse grupo, principalmente, na Pós-graduação onde eles sentem uma carência de pessoas que discutam objetos que estão relacionados com o corpo, com a dança na perspectiva histórica que eu tenho visto, mas não só. Então a minha relação com o lazer está sendo construída mesmo e minha entrada no PELC⁵; ela teve muito mais a ver com experiência administrativa até, vamos dizer assim, de coordenação, de implementação de projetos, do que a temática em si. Ele até brincava comigo na época, dizendo assim: “Não, vai se apropriando da coisa que eu preciso de alguém que toque esse negócio aí”. Então vamos lá! Foi muito nessa perspectiva e está sendo muito, como eu vou dizer, não só promissor, mas instigante para mim porque eu estou me identificando com questões que eu tinha um certo distanciamento. Nessa minha trajetória e que está me agradando muito, assim, em termos de motivação mesmo para estar aqui junto desse grupo. O PELC é muito apaixonante assim, eu estou

² Helder ferreira Isayama.

³ Educação a Distância.

⁴ Universidade Estadual de Montes Claros.

⁵ Programa de Esporte e Lazer da Cidade.

bem cativada pela proposta que eu só conhecia de acompanhamento quanto profissional da área essa coisa toda.

L.A. - Quando que aconteceu esse convite e se a ideia da EAD ela antecede a sua entrada?

E.C. – Antecede a minha entrada. Quando eu cheguei eu me tornei professora aqui em fevereiro de 2014, esse projeto já estava pronto, aí quando eu cheguei assim, sei lá março ou abril, o Helder me convidou para compor a equipe do projeto que ia ser implementado. O projeto já estava pronto, eu entrei como eu te falei como supervisora da EAD e de monitoria era outra questão e aí essa proposta a gente começou de fato a trabalhar em agosto de 2014, mas eu nesse lugar de supervisora, esse lugar da coordenação que eu faço hoje, quem ocupava era o Luciano Pereira da Silva e aí a gente começou a trabalhar com essa proposta nesse período. Eu não fiz parte desse momento de elaboração da proposta da EAD ela já estava aí, eles me apresentaram eu gostei, e aí entrei com essa função de supervisora. O que aconteceu é que no final do ano o Luciano foi remanejado com a saída do Sílvio⁶ para o Pós-Doc e aí eles me convidaram a assumir a coordenação geral. Isso foi em janeiro, praticamente, desse ano: janeiro de 2015. No final do ano já tinha essa questão eu já sabia dela, mas a gente não conversava essa colocação e aí teve essa troca de funções, aí eu assumi a coordenação geral, o Luciano assumiu o lugar do Sílvio e aí então, eu estou de coordenadora Geral da EAD desde janeiro de 2015.

L.A. – E você sabe dizer o que tem antecedido a sua entrada, como que surge essa ideia o que ela vem a cumprir?

E.C. – Sim! Então, a ideia da EAD era tanto uma... Eu não gosto muito da palavra *complementação*, mas ela é um suporte a mais do processo de formação dentro do PELC. Entendendo que tanto para os formadores quanto para os agentes, coordenadores nessa rede que faz o PELC funcionar, mas também algo que possibilitasse uma abrangência dos princípios do PELC, desde a gestão participativa até a discussão da política em si. E das perspectivas de política do que compõe não só a essência do PELC, mas a capilaridade que ele nos possibilita enquanto uma política que pode partir não só dessa iniciativa do

⁶ Sílvio Ricardo da Silva.

Município, do Estado, da Secretaria, das Instituições e o Ministério⁷, mas como incorporação mesmo de uma conscientização coletiva da população nessas modalidades E aí a EAD foi entendida por esse grupo que já estava trabalhando como a possibilidade mais viável, rápida e barata para que isso acontecesse; um investimento não que ele seja barato, eu falei barato, lógico que é um investimento, mas é um investimento que possibilita uma abrangência maior do que se a gente fosse deslocar pessoas para cumprir isso, essas formações de forma presencial. E aí houve uma compreensão de que a EAD que para além disso... E até ontem a gente discutia isso aqui no encontro da produção de materiais, porque a produção de material da EAD... Tanto que a gente está diversificando isso, ela está pensada com um curso a distância *online*, mas há um investimento em autores em referências nas áreas, e que produziram material que os formadores. Por exemplo: hoje já usam no próprio processo e que vai ser publicado futuramente, para a gente entender que é um material que contém uma contribuição muito significativa para o PELC e para essa discussão do esporte e do lazer no viés dos princípios que a gente vem trabalhando: a gestão participativa, política pública ampliada, da formação de serviços, ponto importante para nós também.

L.A. – E como que é o formato do curso?

E.C. – Aí, vem uma questão que eu faço parte da história [riso]. O curso foi pensado não como pré-requisitos, mas ele foi pensado como módulos obrigatórios e módulos optativos. A lógica era que o aluno tinha que fazer quatro módulos obrigatórios, as temáticas desse módulo era: Gestão participativa no PELC; Princípios metodológicos no PELC; Avaliação e Diagnóstico da realidade. E depois ele faria módulos optativos que a gente ofereceria quatro e eles escolheriam dois. Essa foi à estrutura que foi aprovada e foi iniciada pelos cursos, só que como esse processo foi muito dificultado, no princípio, a gente teve uma... Havia uma proposta de um curso piloto de um ano, voltado para um público de cem no máximo duzentas pessoas, mas quando chegou esse processo em agosto de 2014, houve uma demanda da SNELIS⁸ de acelerar esse processo de ampliar essa quantidade de pessoas. A gente tem consciência que isso é uma demanda por ter uma condição de investimento no Ministério, por ser um ano marcante, que era o ano de eleição, e dessa

⁷ Ministério do Esporte.

⁸ Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer Inclusão Social.

proposta inicial da equipe que eu não fazia parte ainda, houve uma super ampliação, porque havia encontros regionais nesse segundo semestre de 2014. E a equipe aqui aceitou o desafio de não fazer esse piloto, mas já fazer uma movimentação ampla e aí a gente teve uma captação de alunos muito elevada, eu acho... Eu não sei o número exato, mas eram oitocentos e poucos alunos que se cadastraram para fazer esses encontros regionais que estavam acontecendo pelo país todo. E aí a gente se equipou para atender isso, só que essa solicitação de matrícula ela não se efetivou, então, a gente se preparou para oitocentos e aparecerem seiscentos e até o final do ano as pessoas foram saindo. E nesse diagnóstico o que a gente identificou é que boa parte começou a sair porque percebeu que não ia dar conta de fazer um curso com essa temporalidade; a estrutura inicial é que compreendia cento e vinte horas de curso, o que daria aí na média oito meses, se não me engano é isso, depois eu tenho que olhar essa... Mas, assim, o aluno teria que permanecer no curso quase um ano e aí as pessoas foram evadindo e aí, nessa evasão perante a gente já ter estruturado, porque isso implicou contratação de tutor, tutores suficientes para atender a gente fez uma avaliação junto ao Ministério e resolveu mudar a estrutura do curso. Então, ele deixou de ser um curso que tinha módulos obrigatórios optativos para ser um curso de módulos isolados, até porque a construção dele não foi nessa lógica de pré-requisito, cada módulo ele se define. Eu não falei dos módulos optativos, optativos são: Financiamento; Políticas de Esporte e Lazer; Esporte Lazer e Saúde; Roteiro para a Elaboração de Projetos; Esporte Recreativo e Lazer. E aí a gente tem a proposta que está sendo elaborada um módulo sobre Dança, que é Lazer e Dança porque há um índice de que a dança é a segunda atividade mais realizada nos núcleos e agora a gente tá fazendo uma outra demanda para o ano que vem, que é uma demanda que a SNEIS nos passou também. Então essa estrutura que você me pergunta: *hoje* a gente funciona como módulos isolados, a gente oferece oito módulos porque os módulos de Dança ainda não estão, e nesses módulos, as pessoas vão caminhando por eles; nós mantivemos um acúmulo que começou por setembro mas que foi até o final, mas que foi infelizmente se evadindo e aí a gente tem conseguido ter um acesso maior as pessoas porque ele é mais atrativo pelo fato de você conseguir cumprir. E em dois meses você termina o módulo, recebe a certificação, o que a gente tem proposto é que se a pessoa faz essa carga horária de cento e vinte horas e ela cumpre seis módulos do curso. Aí a gente emite um certificado completo porque ele fica como curso de

aperfeiçoamento, para quem tem curso superior isso faz a diferença para quem tem carreira ou concursos, esse tipo de coisa.

L.A. – Eu estou conseguindo compreender a lógica toda. E como é que foi a escolha dos temas que iam compor esses oito módulos?

E.C. – Então, aí a parte da história que eu não participei, vou te falar o que eu sei. Esse estudo, pelo que eu entendi do projeto, pelo que as pessoas me falam, ele saiu de uma análise da equipe do PELC daqui junto a equipe do Ministério. De estar vendo com os formadores e com os relatórios do PELC, as temáticas que eram mais carentes, o que ficava de lacuna nesse processo da formação. Então os formadores... Isso é o que eu sei, acho que algumas pessoas talvez saibam te falar isso melhor porque participaram do processo, como o Luciano, a Maria Teresa⁹ que é a nossa coordenadora pedagógica, o Helder, acho que o Cleber¹⁰ também participou disso, de estar reportando aquilo que os formadores entendiam que ficava lacunável junto aos agentes e coordenadores, e que eles não tinham tempo hábil para explorar. E, ao mesmo tempo, que é o grande desafio na formação do PELC, ao mesmo tempo a carência de orientações mais de intervenção do dia a dia, do trabalho cotidiano do PELC, então, os materiais são um pouco nessa vertente. Eles tem ao mesmo tempo uma ideia de uma formação mais básica conceitual, mas também temos materiais que estão ligados a uma orientação, que está muito longe de ser um receituário, mas uma orientação para que eles consigam refletir e criar sobre a prática para implementação das atividades, do cotidiano, no funcionamento dos programas. Os conteúdos que foram *previstos* para serem obrigatórios, eles cumprem pouco essa função, o que é uma avaliação, qual a importância da avaliação no processo do Programa, qual é a gestão... O que é a gestão participativa, porque o PELC usa de gestão participativa como metodologia, quais são os princípios metodológicos, o que... E aí vem um conteúdo uma abrangência histórica, mas também conceitual da construção da política pública de lazer no Brasil. O outro que é o diagnóstico da realidade: o que é um diagnóstico, pensando que o diagnóstico é uma metodologia, uma ferramenta muito importante para a implementação do Programa. e aí quando a gente vai para os optativos eles já tem uma orientação mais focada, financiamento o que é, como é feito, como é que custa, qual é a importância da

⁹ Maria Tereza Marques Amaral.

¹⁰ Cleber Augusto Gonçalves Dias.

busca dele, Esporte Lazer e Saúde, então, qual é essa relação esporte recreativo. A questão da dança entrando também, então, a elaboração de projeto... O que é elaborar um projeto? Não é uma relação onde os moldes não são pensados nem descritos... Esse aqui é para pensar a teoria, esse aqui é a prática, mas são módulos que pensam muito essa perspectiva de uma formação de conscientização e, ao mesmo tempo, de implementação desse processo, a ideia... Eu leio muito e se você perguntar: “Como é que foi?” Eu não estive no como é que foi, mas a interpretação que eu tenho é do que foi produzido; quando eu entrei no Programa esse material já estava sendo elaborado, esse processo já tinha sido orientado, mas eu acho que as temáticas surgiram muito dessas lacunas e dessa compreensão do que era necessário e fundamental para que os agentes e coordenadores do PELC pudessem ter acesso e aprofundamento.

L.A. – E você consegue identificar certo perfil dos alunos que tem efetivamente participado dos cursos?

E.C. – Então, esse é o desafio da EAD que a gente está reestruturando a equipe. Hoje agente tem uma série de instrumentos, a gente está construindo, a gente não tem ainda, a gente está em processo de construção para fazer essa averiguação. O perfil é o grande desafio da EAD porque nós temos alunos, e assim, como nós temos as pessoas que participam... Que são as pessoas que participam do PELC, agentes que não tem escolaridade completa nem o Ensino Fundamental e nós temos pós-graduandos e nós temos gestores de estado, gestores de município, funcionários de carreira, professores universitários, estudantes... É uma diversidade de “A” a “Z”, e que é o grande desafio porque nós somos formados em uma lógica de organização de escolaridade. Não é assim! Então eu penso um curso para o pós-graduação, eu penso um curso para a graduação e esse curso atende a todos, é o grande desafio, então, a gente não tem um perfil. O que a gente tem tentado fazer e que está em fase de experimentação, nós estamos terminando agora módulos que tiveram essa... Quando a gente tem uma demanda grande de alunos, que é a maior dificuldade do curso, que nós não temos tendo demandas grandes, infelizmente, isso é uma meta para o ano que vem que é ampliar a demanda de alunos para o curso, a gente tem agrupado pensando a escolaridade, porque no princípio do curso a gente percebeu muito, e isso é um dado da EAD inclusive... Quando você tem um desnível de informação,

tipo eu tenho alunos que não tem o ensino médio junto com uma turma que tem alunos da graduação e pós-graduação... Quando a gente com uma ferramenta muito útil explorada pela EAD que é o Fórum de Debates, que todo mundo entra para bater papo, eu joga uma temática e as pessoas entram ali para discutir. Há uma tendência das pessoas que não tem nível de escolaridade, que não tem uma linguagem rebuscada em termos acadêmicos, principalmente, delas não entrarem naquela sala; elas ficam só contemplando e isso definitivamente não atende a perspectiva do que a gente quer para elas. Então a gente começou a tentar formar por escolaridade por entender que as pessoas ficam mais à vontade. Não que a gente tenha essa identificação, mas é a linguagem, é o nível do debate, então, essa turma que eu falei que está desde o começo, é uma turma que a gente está achando interessante porque eles estão fazendo todos os módulos; é um grupo de umas quinze pessoas, então, aí são quinze pessoas onde nós temos formadores, professores universitários, técnicos de secretarias de esporte do país. É turma que tem um perfil de identidade e interesse pela questão. A gente não conseguiu fazer isso com outros ainda, então, essa perspectiva do *perfil* ela ainda é um complicador E eu queria só acrescentar um dado que é bem em relação à EAD: é que a EAD exige um conhecimento tecnológico que é muito tranquilo quando a gente pensa de um universitário, mas não é tranquilo para essas outras pessoas, então, um dado que a gente tem e que eu não tenho numericamente ainda porque, logicamente, esse é um processo que a gente espera ter até março do ano que vem... A gente tem alguns dados, mas são muito imprecisos, é que o fato da Educação à Distância chegar a muitos lugares é muito positiva, mas a gente não sabe se ele vai chegar em todos esses agentes porque a dificuldade tecnológica é muito grande. Desde o acesso à internet, a familiarização com o processo de estudo e do estudo à distância, o que gera muito evasão. Porque nós somos um curso que estamos sentindo isso, então, quando eu penso, assim: “Quem é de fato que está no curso?” Aí você falou do perfil, os mais ligados são os que estão com o nível de escolaridade, de graduação principalmente. Eu não tenho isso como um dado, mas a gente tem isso muito claro quando a gente olha os perfis, então, há uma tendência disso, mas não há uma... Não é a nossa intenção. Aa intenção não é que o curso fique só para as pessoas que tenham curso superior ou que estão em processo de formação mas a gente também tem essa limitação. A gente sabe que não vai dar para chegar e nós estamos começando agora com PELC Povos e Comunidades Tradicionais. A gente vai chegar com a EAD lá, depende de onde essa população está. As comunidades

que estão perto dos centros podem ser que sim, mas as que estão isoladas elas não vão ter acesso tecnológico e gente não vai ter como enxergar isso, então, é um perfil muito flexível mas que tende a ter uma continuidade maior das pessoas que tem esse acesso tecnológico e interesse para além do PELC. Que é uma demanda que a gente tem tido também, que é o estudante não só de Educação Física são as pessoas que estão envolvidas ou com as políticas públicas, ou com as Secretarias de Esporte e Turismo que é uma demanda que a gente tem que ter.

L.A. – E para além da própria comunicação entre os alunos, o perfil também pode interferir na cessão de material para treinamentos complexos ou na linguagem. Como é que vocês trabalham com esses desafios?

E.C. – Isso foi uma coisa muito bacana que a gente fez esse ano. Foi o seminário de avaliação que já era previsto. Como eu te falei, a ideia começou, aliás, a gente considera isso, que a gente está saindo do projeto piloto agora, que era um ano de tramitação, *inclusive para testar o material* e aí a gente fez essa revisão em agosto desse ano finalzinho de julho, agosto e essa revisão foi uma reunião muito bacana que eu nunca tinha visto no meio acadêmico, enquanto PELC. No entanto, inclusive por isso a gente trouxe todos os autores que sentaram com todos os tutores e supervisores da equipe da EAD, nossos coordenadores para dar um “feedback” para eles do material, porque o material é escrito por *acadêmicos* que se envolvem com o PELC. A maioria tem experiência, mas que estão acostumados a fazer um grupo e a EAD não pode ficar fechada nessa visão acadêmica para esse curso, porque nós não estamos buscando acadêmicos para serem agentes. Também eles mas não só eles. Aí a gente fez muito essa avaliação, de uma filtragem... Quando a gente trabalha com a EAD o material, por mais que ele tenha sido elaborado... Então vamos pensar esses primeiros materiais eles tem uma média de sessenta páginas e para a linguagem EAD ele é transposto, a gente faz uma transposição didática de pensar esse material. Tem uma equipe que é a Maria Teresa Marques Amaral que faz isso, que é a nossa coordenadora pedagógica. E ela tem uma equipe que faz uma transposição do material para a linguagem EAD e isso foi feito por uma dificuldade da plataforma que a gente acessava que é a plataforma e-Proinfo¹¹ do Ministério da Educação. Ela tem muitas

¹¹ e-Proinfo – Ambiente Colaborativo de Aprendizagem.

limitações que a gente não esperava ter, então, ela ficou uma linguagem ruim. O material não é um material agradável em relação a muitos outros que a gente tem de EAD. Aí a gente está mudando agora para plataforma Moodle fazendo isso, já revisado desse processo; os autores já mexeram no material, esse material vai ser publicado porque a gente entende que impresso é muito importante para estar nesses núcleos, como uma fonte de consulta, mas a linguagem EAD está sendo toda revista, muito mais dinâmica, com interatividade. Uma coisa que a gente teve dificuldade na plataforma anterior, era a questão da interatividade que é fundamental para o Ensino à Distância. A gente está fazendo essa mudança focando, principalmente, esse público que não é o público acadêmico, então, é um material muito mais resumido mesmo; é um resumo para a gente que está no meio acadêmico. A gente resumiu, resumiu, resumiu, que a ideia é essa, que ele tenha acesso rápido à informação e que ele tenha também condição de aprofundamento e essas condições estão lá. Então a EAD tem muito essa lógica: você tem ali uma apresentação da temática e “links” que te façam pensar “Mas como é isso?”. Aí tem um “link” que fala assim: “Assiste tal documentário”; “Veja tal filme”; “Acesse o material na íntegra”... A lógica é muito essa de que você tem uma apresentação simplificada; o termo que a gente tem usado é essa: é simplificado!

L.A. – Os autores são pessoas que fazem parte da equipe do PELC ou eles são convidados? E a atuação deles se resume a composição desse material?

E.C. – Alguns foram só convidados outros fazem parte do PELC. A gente tem autor que é formador, a gente tem autor que é parte da equipe de coordenação da EAD, mas são poucos autores... Deixa eu pensar se tem alguém, não, acho que todos os autores já tiveram algum tipo de envolvimento com o PELC, mesmo que não esteja agora. Já participaram anos atrás ou no processo de implementação... Você que saber do que já foi?

L.A. – Pode falar do que está vindo também!

E.C. – É que a gente está em um processo de elaboração. A gente fez um “workshop” mês passado, foi com os novos autores, *nesses* novos autores nós temos pessoas que não tem vinculação, porque os novos materiais estão vinculados a outras demandas também

deliberadas pelo Ministério, pela SNECIS e pelos formadores de temáticas que tem lacunas, mas elas foram mais pensadas no sentido dos sujeitos atendidos. Então a gente tem temáticas como: portadores de necessidades especiais, idosos. A ideia foi buscar pessoas que dialogam com essas temáticas, pesquisadores que dialogam com isso, mas que tenham alguma relação com a perspectiva do lazer. Aí nesse grupo a gente tem pessoas que não estão vinculadas ao PELC, tanto que eles receberam uma quantidade de material também sobre o PELC para eles entenderem o Programa para tentar estabelecer esse diálogo. A ementa deles compõe isso, então, a gente fez o “workshop”, inclusive, fazendo esse processo e organizando a escrita desse material, tem infância, tem... Acho que dois autores, dois ou três que são próximos do PELC, a questão dos indígenas como Quilombolas e Comunidades Tradicionais, mas a gente deve ter ainda metade dos autores não estão vinculados ao PELC, mas tem temática de pesquisa nessas populações.

L.A. – E quantos são os novos módulos que vocês estão produzindo?

E.C. – São nove e eu não vou lembrar de todos: tem juventude, idoso, infância, deficiência, quilombolas, indígenas... Tem um módulo que não tem a ver com a população e tem sobre gestão e sobre dança.

L.A. – E como que acontece a divulgação no momento de abertura de novas turmas?

E.C. – A divulgação tem sido constante, como é que a gente tem captado os alunos? Indo as formações divulgando... Os próprios formadores fazendo isso também. Não oficialmente mas eles tem feito isso de forma informal. A partir do ano que vem eles tem que fazer isso oficialmente, mas a gente também manda alguém da EAD quando a formação é muito grande para divulgar e a abertura das turmas, na verdade, a turma não é a partir da divulgação a gente vai recebendo um fluxo contínuo e aí a cada mês a gente tem como montar um grupo e começar uma nova turma. A a divulgação é feita via “e-mail”, a gente entra em contato com as pessoas via “e-mail” informando que vai até aquela data e que ele tem aquela vaga garantida para começar o curso e aí a gente enturma esse aluno e ele começa. Uma estratégia que foi a mais eficiente até agora e que tem dado certo é que a gente vai investir mais o ano que vem, é uma divulgação do próprio Ministério. O

Ministério encaminha ofícios para as Prefeituras... Para as Secretarias de Estado e para os programas que já estão em funcionamento. Essa é a mais eficiente porque na hora que o gestor recebe, ele encaminha isso para a equipe dele e a gente tem recebido um número bem bacana. Io funcionou muito no meio do ano, agora no final foi menos. Mas aí eles entram em contato e a gente começa o processo todo via “e-mail”. A mudança da plataforma, inclusive, vai nos ajudar nisso, porque ele consegue fazer “on-line”. Hoje não tem como, o aluno não consegue entrar para o curso acessando, ele precisa... A gente precisa colocá-lo na plataforma, então, mudar isso também acho que vai ajudar bastante porque é uma autonomia maior, uma agilidade maior para o processo. A gente está bem, a plataforma nos limitou *muito*, inclusive nesse processo de acessibilidade das pessoas ao curso.

L.A. – Eu tenho conhecimento de que não existe uma exclusividade dos agentes do PELC para poder participar do curso. Outras pessoas desvinculadas também podem participar, isso era uma intenção de vocês poderem abrir ou isso aconteceu simplesmente?

E.C. – Isso aconteceu perante a percepção que havia uma demanda porque as pessoas começaram a procurar e, perante a evasão grande que eu relatei antes, quando a gente percebeu que muita gente tinha se colocado onde estava eu acho que ficou... Mas, de toda a forma, desde a criação... E aí eu posso até estar sendo negligente nessa informação, mas pelo que eu entendi, desde a criação, nunca foi exclusivo para o agente; a ideia era ter um curso que atendesse o território nacional, assim que está posto, oferecido pelo Ministério de forma gratuita e para quem tem interesse porque havia... Desde que eu entrei pelo menos, essa coisa assim: prioritariamente é o agente, eu não vou deixar o agente de fora para aceitar alguém que não tenha, mas a gente não teve essa situação. Na verdade a gente tem uma condição de atender um número maior do que a gente está atendendo; a gente tem uma equipe com condições disso, as turmas não tem atingido o número máximo de alunos, ,ara nós não tem sido um problema. Um dado que a gente está levantando é esse: que a gente precisa de maior investimento nos programas, porque está ficando muito defasada a quantidade de pessoas que são vinculadas com as pessoas que não são vinculadas. Isso não é um problema mas nos incomoda na medida porque as pessoas que estão no PELC não estão fazendo curso. E aí vem um dado que a gente ainda não tem: quantos por cento

realmente tem dificuldade? Eu estou trabalhando com uma hipótese. Por exemplo: Fortaleza a gente fez um alto investimento de divulgação e houve um retorno, é um governo muito grande, a gente tem um número... É um convênio... Acho que é o maior convênio que a gente tem hoje dentro do PELC e as pessoas se inscreveram e participaram e lá. Por exemplo: as pessoas que estão no interior, elas evadiram, elas não conseguem e o que a gente tem não como dado ainda, mas como informação pelos formadores e pela própria equipe de lá, é que eles estão com muita dificuldade de conexão. Mas também é um público, e eu estive lá pessoalmente, fazendo uma divulgação e essa captação de alunos. Eu tive umas quatro pessoas que me pediram para ensinar como se fazia um “e-mail”, então, a gente têm essas variáveis todas no mesmo local: há uma dificuldade de conexão da internet, há uma dificuldade por parte do público em relação à tecnologia, mas a gente tem um número muito grande de alunos. O nosso maior número de alunos hoje se concentra em Fortaleza porque é um programa grande, então, como eu estou te falando, assim: o processo da divulgação a gente começa no ano que vem de uma forma mais organizada para atingir esses focos. Fortaleza está sendo um piloto para a gente entender como é que isso se dá; lá a gente fez uma divulgação intensiva, houve uma inscrição intensiva e também uma evasão intensiva, então, a gente está aí com esses dados para fazer... Eu brinco que a gente ainda não chegou no qualitativo, a gente está só apagando incêndio ainda da parte da implementação, da análise do material, mas a gente precisa é o foco para 2016. A gente entender melhor essas relações da EAD com o processo da formação de serviço mesmo dos agentes.

L.A. – Então, vocês tem conseguido perceber algum resultado das turmas que estão se formando mesmo que venham de um único módulo. O que vocês já tem de informação com relação aos resultados das formações?

E.C. – Isso é uma coisa bacana porque são os formadores e os tutores que nos passam. A gente tem alguns relatos, não é o qualitativo que eu reforço, mas assim, a gente tem muito relato de pessoas, por exemplo, que já começam a fazer projetos a partir do curso, que mudam a forma de organizar trabalho, que é o que a gente espera que aconteça. Nesse encontro que a gente fez de avaliação, que os tutores trazem as experiências foi muito bacana perceber assim, por exemplo, que pessoas que procuraram o curso de Educação

Física. Isso foi relatado até esses dias aqui, pessoas que estavam no curso à distância, e fizeram a formação, e falaram com os formadores: “A gente fez o vestibular agora, a gente fez o processo seletivo para poder fazer o curso”. Entendeu que vai ser bacana, então, essas coisas começam a retornar. Eu não tenho dados... Por exemplo: se a coordenação de um determinado núcleo mudou a estrutura de trabalho, mas a gente tem esse relato do aluno a gente fala assim: “Nossa, eu revi o que eu estava fazendo, vou implementar essa proposta”. Principalmente, essa relação do diagnóstico... Nosso material pensa muito nessa lógica de que o agente precisa ter um diagnóstico da realidade para intervir, que ele busca ali e não lá. Não é o que está fora que ele está vivendo, e aí eu acho que essa questão do diagnóstico, algumas atividades que fazem que eles busquem o próprio município para entender a realidade local; essas trocas a gente tem recebido, de perceber e falar assim: “Nossa, eu nem tinha pensado que eu podia fazer isso aqui mesmo” ou “Que aqui tem essa...” E eu acho que isso a gente tem tido de forma ainda muito espalhada; são as informações que a gente precisa condensar agora. Na verdade, a gente tem um desafio grande para 2016 que é sair da lógica do instrumental que a gente tem feito, preparar o material, por na plataforma, para as análises qualitativas do que de fato está acontecendo, mas a gente tem tido retornos muitos positivos. Inclusive, o próprio Ministério, quando eu me encontro com a Ana¹² e com a Andréa¹³ elas comentam que algum lugar que elas foram alguém falou da EAD: “Eu vi, me ajudou...” É ainda a crença de que vai dar certo, está dando certo.

L.A. – Você já me falou algumas coisas ao longo da fala, mas de qualquer forma eu vou perguntar se tem alguma coisa que ficou faltando e se você quiser sistematizar e os principais pontos que você acha que devem ser melhorados e os próximos passos que a EAD tem que tomar?

E.C. – Então, aí vamos lá: Primeiro é a divulgação e aí já tem prerrogativas para isso. Ano que vem o Ministério vai desencadear um material gráfico que são cartazes e panfletos para todos os núcleos, e Universidades. A gente começa o ano que vem, a gente está fazendo um piloto aqui na UFMG aqui em uma turma, mas a gente vai fazer... Não é só a divulgação: é a divulgação e a captação de aluno. O que é divulgação e captação? É que eu

¹² Ana Elenara da Silva Pintos.

¹³ Andréa Nascimento Ewerton.

preciso *convencer*, além de divulgar; preciso a convencer as pessoas a se inserirem nesse processo. A gente faz um plano agora de ação regional, então, a região norte do país é a região que menos tem programas do PELC e que menos tem alunos também. Então a gente vai começar toda a proposta daqui da UFMG e foi acatada pela SNELIS... A gente vai fazer um programa de captação de alunos no nível de formação mesmo, que havia uma resistência, mas que a gente tem sido um potencial para que essas localidades incentivem o poder público a buscar o próprio PELC. Então a gente começa pelas universidades públicas, as federais no norte oferecendo, inclusive, turmas mesmo; oferecendo vagas para alunos e aí a gente não vai trabalhar só com aluno da Educação Física, prioritariamente, para tempo cronológico de contato, mas as universidades que tiverem cursos correlatos que tenham interesse também, fazendo esse chamamento. Até porque, como eu disse, a gente tem condição de atender a isso e está entendendo ser um investimento de divulgação do próprio PELC via EAD. Para além da divulgação e captação de alunos é a adaptação da linguagem EAD que está em processo; a gente entende que esse não foi um material em uma linguagem de EAD adequada para permanência do aluno, a gente teve um número de evasão também porque o aluno entra e aí a linguagem estava muito acadêmica ainda. Então isso está em processo, mas vai para teste, está elaborado e vamos ver o que isso, essa revisão essa *mudança* da plataforma e da adaptação do material gera. Eu acho que esse é outro grande desafio que está sendo implementado com mais recursos, o outro é a melhoria dessa organização pedagógica das turmas. Como eu relatei, a gente está fazendo esses testes, então eu pego pessoas que tem curso superior, pessoas que tem pós-graduação, a gente tem tentado aglomerar isso, mas é uma tentativa, porque isso depende da demanda que eu tenho. Às vezes as pessoas cursam... Por exemplo, é o Módulo Financiamento, é um módulo que não tem uma procura muito grande e aí eu não tenho aluno suficiente para montar por escolaridade; eu tenho quatro que não tem curso superior, eu tenho dez que tem graduação e tenho dez que tem pós, eu não consigo montar uma turma para cada um. Daí eu acabo aglomerando esses alunos, então, se a gente tiver uma captação maior um número maior talvez gente consiga qualificar melhor a formação das turmas. E um outro desafio que é uma perspectiva pedagógica da nossa equipe, que a gente não sabe justificar se a gente vai conseguir pela mesma questão, pela quantidade de pessoas que procuram, é a relação de mistura regional que você tem ali na mesma turma pessoas de localidades muito diferentes. A gente faz um pouco isso hoje, mas não é fácil pelo mesmo motivo, porque se

eu só tenho quinze pessoas querendo um módulo, eu tenho que colocar aquelas quinze se elas são da mesma cidade ou não, se são do mesmo nível de escolaridade ou não porque não é funcional. O valor que se investe por curso para criar turmas muito pequenas... Mas eu acho que é um desafio e que se a gente tiver uma demanda grande talvez nos possibilite um maior diálogo que é uma premissa de as pessoas terem essa expectativa, inclusive, da identidade local delas. Mas dessa diversidade que eu acho que se dá quando a gente está pensando em território nacional e que está embutida lá no projeto também... De que as pessoas, apesar de estarem na sua localidade, que elas tenham a percepção de como essa localidade tem particularidades culturais, regionais. E a gente entende pedagogicamente que isso é muito atrativo para um curso EAD, dá um outro dinamismo... Inclusive para o aluno falar dele, que é um processo interessante. Ele escolhe nos mínimos detalhes, eu acho que os grandes desafios estão aí... E essa experiência que, na EAD todos nós que trabalhamos, a equipe como um todo, não tinha uma grande experiência com educação à distância. Mas, independente dessa experiência, a gente também não tem esse perfil de curso muito popularizado. Normalmente, os cursos à distância têm um foco muito bem determinado: faço um curso para enfermeiros, faço um curso para professores do Ensino Médio... Nós fizemos um curso para a população interessada, então, esse desafio é o maior que tem feito com que o trabalho da EAD também tenha um alto investimento na tutoria, porque os tutores precisam ter esse jogo de cintura de lidar com esses públicos diferentes, de pessoas que estão em locais e condições diferentes, de discutir as temáticas propostas pelo curso.

L.A. – Já que você citou os tutores como é que foi a formação para que eles atuassem?

E.C. – Então, eles tiveram e estão tendo ainda... Na verdade a gente tem uma série de ações de formação tutorial. Primeiro, a seleção foi feita priorizando pessoas que já tivessem algum envolvimento com as temáticas do curso no lazer ou com ensino à distância; gente que estivesse discutindo política pública e lazer e quisesse ser tutor e não foi suficiente. Aí a gente caiu para quem tinha experiência com EAD e a gente fez essa seleção com pessoas que residissem aqui em Belo Horizonte, entendendo que a gente precisava fazer o processo de formação. O processo de formação parte desde o uso da plataforma ao estudo do material. Cada módulo desse é feito um “workshop” com os autores e os tutores, então,

eles recebiam o material e... É uma experiência positiva que a gente vai manter assim. Eles recebem o material com antecedência, e a gente faz um *workshop*; os autores vêm até aqui e acontece esse momento de *workshop* mesmo, de tirar dúvidas, ver material, ter debates, o que pode ser explorado, o que não pode, o que está complicado... Esse é um dos momentos, inclusive, de revisar coisas. Por exemplo, a gente tinha trabalhos solicitados pelos autores que eram compatíveis com a pós-graduação, a forma de elaborar o trabalho, a quantidade de leitura, e aí complicava. Isso é um dado que a gente tem e já se alterou isso... O aluno vem cursando, aí ele faz as quinze aulas e quando chega na aula que começa a avaliação o aluno some e o tutor fica atrás dele. Mas assim ele some por conta da avaliação... A gente reviu muito essa perspectiva do nível e do padrão da avaliação porque muitos autores foram para uma lógica do que a gente faz na graduação, por exemplo, da ideia de que o aluno tem que estudar, estudar... Muitas dessas pessoas não têm essa formação, não tem essa cultura do estudo, então, elas evadiam nesse momento. Não fazia a atividade avaliativa e saía do curso, e a gente não tinha como incluí-los... Eu acho importante falar isso: a gente tem feito um trabalho muito intenso de busca dos alunos que evadiram, desde o começo do curso; de ir atrás e a gente teve sucesso de uns 50% que, para a EAD, é um número muito bom. O fato eles terem voltado! A gente faz um trabalho muito intenso de busca... Nós temos na plataforma mais ou menos mil quinhentos e trinta pessoas que já se inscreveram. Não que terminaram o curso; as que terminaram é um terço disso mais ou menos, as que têm ficado ativas na plataforma. Então a gente vai a trás desses outros mil e tantos e ainda continuamos esse processo. Agora, por exemplo, a gente passou isso para a equipe do Ministério para que eles também façam o acesso, porque há uma diferença de quando a UFMG procura e de quando o Ministério procura. A gente está usando dessa estratégia também...

L.A. – E como é a relação de vocês com o Ministério, o que são demandas deles com a EAD como é que vocês se relacionam?

E.C. – É tudo compartilhado. A gente tem uma autonomia muito bacana de deliberação, mas a gente tem um pacto desse compartilhamento mesmo, para tudo. Então essa demanda tanto nossa para eles, quanto deles para nós, é compartilhada, não tem nada que seja imposto de lá para cá, ou, daqui para lá. Existe uma parceria muito agradável, inclusive, é

óbvio que em alguns momentos as demandas deles não são atendidas por nós e nem a nossa por eles, pelas várias questões do processo... A gente teve algumas questões estruturantes que foram difíceis no começo, então, a gente criou mais linhas do que a gente pensava da EAD, que é um espaço fundamental... Os tutores têm que estar trabalhando onde o técnico de informática fica, que é uma referência, isso demorou um ano por questões burocráticas de contrato, porque não era previsto que se alugasse ou se o aluguel era mais caro que comprar, então, a gente fez um termo aditivo de alteração do contrato... Essas coisas são burocráticas e demoram, infelizmente, são duas instituições federais que tem todo o trâmite interno para conseguir essa demanda. Mas isso não atrasou o trabalho, mas dificultou em parte, a gente agora está com essa condição estrutural. Mas a relação tem sido muito dessa demanda e de avaliações constantes porque a gente emite relatórios semestrais; semestrais ou anuais e esse acompanhamento que eles fazem do que a gente está desenvolvendo... Uma questão, por exemplo, que eu já citei que ainda a gente está buscando são os dados que a gente tem condição de fornecer para o Ministério, de falar assim: “Quantos alunos estão cursando EAD hoje?” E aí vem essa questão: eu acesso plataforma eu fico sabendo *agora* quantos que estão em atividade. Mas não consigo ver quantos concluem de fato, quantos excluiram, quantos saíram, por que motivos... Esses são dados mais difíceis de estarem o tempo todo disponíveis, então a gente criou uma sistemática de fornecer isso de uma forma mais organizada que é fundamental para a gestão; que é fundamental para alimentar a própria secretaria e o próprio Ministério. Como eu te falei nossa ação é muito conjunta, então, para te dar um exemplo: os autores que vão escrever os materiais, a gente conhece quem tem uma produção significativa. Aí a gente vai lá e diz: “Estamos pensando nessas pessoas, vocês têm outra sugestão?” Sempre tem e aí a gente analisa se pode ou não, vamos ver qual é a produção da pessoa e buscamos em conjunto. Esse atendimento é feito mais diretamente com a Ana Elenara e com a Andréa Everton que são as pessoas que de fato se reúnem conosco para essas decisões. E é coletivo mesmo, é colegiado. Eu brinco assim: “É o colegiado da EAD PELC”, porque nós somos quatro coordenadores, mais o Hélder que é o coordenador geral e que participa de todos esses momentos. Temos supervisores de tutoria que são três e aí eu acrescentei isso há pouco tempo, também sob aprovação delas... Como é que eu vou dizer, a gente tem trabalhado coletivamente, mas as coisas estavam muito individualizadas, então, agora a

gente está com essa sistemática que essas pessoas conversam com todas as coordenações, fazem os registros, e fazem também as propostas...

L.A. – Do meu roteiro acho que é isso, tem alguma coisa que eu não te perguntei que você queria acrescentar Elisângela? Uma colocação, um comentário?

E.C. – Eu acho que a gente trabalhar com projetos acadêmicos que estão vinculados a gestão gera até um incômodo. Quando algumas pessoas entram no universo acadêmico, eu acho a EAD dentro do PELC é uma grande sacada do Ministério mesmo, assim, pensando a política. Não é só por essa lógica que as pessoas falam assim: “A modernização venceu!” Eu inclusive sou uma pessoa que já tive e ainda tenho muitas resistências com a Educação à Distância. Eu falo às vezes: “Você é coordenadora!” Eu sou a coordenadora de um curso à distância que eu *acredito* ser funcional, tenho dificuldade de pensar assim. Ensinar dança à distância tenho muita dificuldade, inclusive, estou sofrendo muito para elaborar esse material, porque não é um material para ensinar dança; é diferente também, mas ele discute a dança para dar uma perspectiva para essas pessoas de como a dança, vivencialmente, pode ser ou não um bom conteúdo. Mas eu acho que é uma grande sacada, porque... E aí eu estou falando de uma pessoa que está muito de fora do PELC, eu estou há um ano e meio em contato com essas pessoas, muito encantada. Não só com a proposta, mas também com a dedicação das pessoas. Eu acho que o obstáculo de um curso à distância, eu percebo cada vez mais como que isso é importante para o PELC, por potencializar a riqueza presencial que o PELC tem, que é o que acontece na ponta como a gente fala. E o que acontece na ponta é muito *rico* para nós aqui na Universidade, então, o que eu queria, assim, para finalizar que eu falo dessa valorização é que eu antes de participar desse projeto, eu ouvia muitas críticas em relação a essa vinculação da Universidade e Ministério para o desenvolvimento de políticas públicas. E hoje, eu estando dentro do processo, eu acho isso de uma riqueza tão imensa porque ela nutre duas pontas muito importantes na mesma instância que é federativa. É nós que estamos na academia, nos problemas, nas pesquisas e entender o que de fato acontece lá e quem está lá poder usufruir do que nós conseguimos avançar aqui, que é uma regrinha básica que está imbuída nessa tríade Ensino, Pesquisa e Extensão mas que a Universidade nem sempre de fato consegue chegar lá. Para a realidade que a gente tem aqui que é de ter um Programa que é pioneiro e que

tem uma fonte de nutrição fantástica e que, ao mesmo tempo, retorna de uma forma muito rápida para o Ministério e para as políticas nesse conhecimento. E a EAD entra como uma ponta de um avanço porque a EAD ainda é uma questão... Ela está aí há muitos anos, mas a expansão dela no Brasil é muito lenta. Aliás, muito lenta em relação a outros países inclusive... Ela entra com uma tecnologia que a gente tem condição de enfrentar e beneficiar muito mais pessoas, então, eu acho que é um casamento que tende a ser feliz. Eu não sei se duradouro porque isso depende de muitas questões, das políticas, das financeiras, mas eu acho que é um projeto audacioso que tem dado certo e tende a dar mais certo.

L.A. – Muitíssimo obrigada!

E.C. – Eu que agradeço a oportunidade.

[FINAL DA ENTREVISTA]